

heliana conde, a presença

heliana conde, la presencia

heliana conde, the presence

Edson Passetti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

RESUMO:

O texto homenageia Heliana Conde, no contexto do evento "Modulações Helianas", realizado em 26 de junho de 2024, na UERJ. Heliana nunca gostou de atalhos ou do brilho superficial dos certificados. Preferia o avesso, a surpresa, o imprevisto. Professora, pesquisadora, militante, botafoguense, Heliana era aliada da resistência, da estética da existência, nunca da filantropia ou da normalização. Sua tese, *No rastro dos "cavalos do diabo"*, revela o percurso da psicologia institucional no Brasil, costurando memórias, histórias orais e encontros improváveis. Com Foucault, Deleuze, e os argentinos exilados, reinventou o pensamento grupal, sempre em diálogo com a liberdade. Heliana é a presença escondida, um rastro que permanece. Não queria melhorar nada, mas atizar, vagar, flutuar, espalhar-se – como quem sabe que é no insustentável que mora a potência.

Palavras-chave: Heliana Conde; Resistência; Estética da Existência.

RESUMEN:

El texto rinde homenaje a Heliana Conde, en el contexto del evento "Modulación Helianas", realizado el 26 de junio de 2024, en la UERJ. A Heliana nunca le gustaron los atajos ni el brillo superficial de los certificados. Preferí lo contrario, la sorpresa, lo inesperado. Docente, investigadora, activista, de Botafogo, Heliana fue aliada de la resistencia, de la estética de la existencia, nunca de la filantropía ni de la normalización. Su tesis, *Tras la pista de los "caballos del diablo"*, revela el camino de la psicología institucional en Brasil, entrelazando recuerdos, historias orales y encuentros inverosímiles. Con Foucault, Deleuze y los argentinos exiliados, reinventó el pensamiento grupal, siempre en diálogo con la libertad. Heliana es la presencia oculta, una huella que permanece. No quería mejorar nada, sino agitarme, vagar, flotar, extenderme, como si supiera que el poder reside en lo insostenible.

Palabras-clave: Heliana Conde; Resistencia; Estética de la existencia.

ABSTRACT:

The text honors Heliana Conde in the context of the event "Heliana's Modulations," held on June 26, 2024, at UERJ. Heliana never liked shortcuts or the superficial shine of certifications. She preferred the reverse, the surprise, the unexpected. Teacher, researcher, activist, and Botafogo fan, Heliana was an ally of resistance, the aesthetics of existence, never philanthropy or normalization. Her thesis, *In the Footsteps of the "Devil's Horses"*, reveals

the trajectory of institutional psychology in Brazil, weaving together memories, oral histories, and improbable encounters. Engaging with Foucault, Deleuze, and exiled Argentinians, she reinvented group thought, always in dialogue with freedom. Heliana is the hidden presence, a lingering trace. She didn't seek to improve anything but to provoke, wander, float, spread—knowing that the unsustainable holds the power.

Keywords: Heliana Conde; Resistance; Aesthetics of Existence.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88533

Heliana Conde nunca gostou de coisas rápidas, muito menos laudatórias ou que poderiam render certificados para Lattes. Heliana a militante, a professora, a pesquisadora, a mulher com tesão, preferia o avesso. Heliana da revista Mnemosine, filha de Urano e Géia, que teve com Zeus nove Musas, entre elas Clio (história), depois de nove noites de amor no monte Piéria, segundo Hesíodo e Apolodoro.

Heliana estava e está desde o inexpugnável começo incapaz de ser determinado. Com ela, apenas tudo começava, de repente, até por gosto de acaso. Prefiro dela dizer em poucas palavras.

Houve uma resenha que escrevi sobre a sua tese de doutorado, tardiamente publicada: “No rastro dos cavalos do diabo: memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil” (2022) (pp. 464). Lamparina: Faperj.

“Botafogo, Botafogo, campeão desde 1910...”. Sim, é ela a criança na foto ao lado da “enciclopédia” Newton Santos e, simplesmente, de Mané Garrincha. É Heliana Conde. Com H. A minha torcedora mais querida do Botafogo. A amiga com quem troquei coisas, palavras, bebidas, práticas e muitos relatos importantes de memórias e lembranças que, certa vez, culminaram em sorriso largo na subida da rua Teodoro Sampaio, dentro do automóvel, aqui em São Paulo. Estive e estou com Heliana em um tempo indeterminável.

Estive próximo de seu pós-doc sobre Foucault no Brasil (“Ensaio sobre Foucault no Brasil: presença, efeitos, ressonâncias” (2016), também editado pela Lamparina) e, agora, [logo depois de seu falecimento,] dou de olhos e mãos no volume de sua tese de doutorado feita livro [para fazer uma resenha, nesse meu jeito de lembrar dela no ato]. Constato na apresentação do livro, uma generosa “orelha”, por um (ex-)orientando A. C. Cerezzo. Com Heliana, o imprevisto pode ser e será. O livro tem uma “advertência” deliciosa, um aviso e não ameaça ou intimidação, acompanhada de Fellini, Gaudí e Laerte: “o que este livro pretende é *destampar* um aparelho de pesquisa, dando acesso àquilo que pode causar choque

elétrico, quando se desobedece à cautela acadêmica. Assim como raramente resistimos, quando crianças, a desmontar brinquedos” (CONDE, 2023, p. 12).

A academia é punitiva ao castrar invenções sob a normalização do suposto rigor científico e por ser narcisista no interior do mesmo regime. Mas Heliana Conde, vindo com Foucault, tinha claro que as chamadas ciências humanas são apenas representações. E nos convidava à história, à memória de gentes, da psicologia, dos seus parentescos e dos argentinos *exquisitos*. Então, com ela acompanhando García Márquez, “a vida de uma pessoa não é o que lhe aconteceu, mas o que ela se recorda e como recorda” (IDEM, p. 20). Como em Macondo, antes e depois de rei, lei e fé. Quanto a “cavalos do diabo” (ver nota 53, p. 40), importa ressaltar que se há dois percursos da *psi*, um é o das continuidades psicanalíticas, e o outro (o de Heliana), advindo do que ela chama de chegada da segunda geração de exilados argentinos nos anos 1970, que colaborarão para a história da psicologia institucional no Brasil. E se os cavalos do diabo reaparecerão exuberantes no *adendo* final do livro (RODRIGUES, 2022: 445-446), está colocado o percurso da pesquisa por meio da história oral, tal como o leitor a encontrará ao final, acompanhando a assimilação do *erre* em francês, caro a Fernand Deligny, uma maneira de avançar, de caminhar, e como sublinha Heliana Conde, “em castiço português, *vagueio, espalho-me, flutuo...*” (RODRIGUES, 2022: 427). Estamos diante da psicologia institucional, a chegada dos argentinos associados aos brasileiros e possível de ser traçada numa cartografia de singularidades, durante uma devastadora ditadura civil-militar. Como diria o instaurador Pierre Joseph-Proudhon, é na destruição que se encontra a potência da invenção de liberdade.

Heliana Conde virava e se revirava. Deliciosamente amorosa, uma canceriana boa para conversar com um canceriano perturbado como eu e disposta a inventar percursos com quem loucamente a procurava. Nós tínhamos mais do que afinidades vindas do passado com conhecimento do marxismo, da chegada estrondosa, ou melhor, escandalosa, de Michel Foucault, dos vaivéns com Deleuze-Guattary-Delagny. Ela, sempre generosa, me mostrando muito mais do que eu sabia de história oral, e explicitando sem medo como é *bão* se aproximar de anarquismos e anarquistas.

Fizemos juntos um texto para um livro sobre Alfredo Veiga-Neto e foi pouco. Agora é que a gente (e eu gosto especialmente desta palavra *gente* desde a canção de Caetano Veloso) estava no ponto de fazer mais. Mas cancerianos, às vezes, são lentos, cheios de cuidados consigo e com os amigos. São loucos por dengos, embriaguez, agito e quietude simultâneos (sei lá se os astrólogos e as astrólogas e astrológes com suas falas fronteiriças acham destas

coisas de quem vive sob a lua e o luar, que gosta de sol para apreciar). Eu acho que a gente se gosta e gostávamos de algumas queridas pessoas. Não deu tempo de escrevermos juntos mais vezes, mas dissemos muito nas mesas de bar, nas salas de visitas, nos cantinhos que existem por aí. Sobre estas pessoas e sobre nós. Você poderá dizer que esse é um papo tosco que nem todxs cancerianos são assim – e como sou um clichê ao pensar isso – mas, Heliana e eu éramos assim, um para o outro. Sem medo de clichês, e eu penso que entre mim e ela, era ela que ainda retinha certa *esperança* no futuro utópico...

Perdi Heliana, meses depois de minha mulher, *meu* amor, amiga, amante, *minha paixão*, jamais esposa. Nós gostávamos muito de Heliana. Eu acho que a PUC-SP, da pós em Ciências Sociais, gostava muito de Heliana. A *gente* do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) era louco por ela, para conversar, beber, rir e quase desmaiar. Até fazer sessão de aula-teatro só para ela. Só podia e devia gostar de Heliana quem não tinha fixação umbilical. Heliana nasceu num 26 de junho...

Heliana é a presença escondida na comemoração, no Brasil, dos 40 anos da morte de Foucault, como um Beckett na aula inaugural de Foucault no Collège de France, ali presente em “A ordem do discurso” (2012), que também virou evento que ao completar 50 anos recebeu mais um livro cuidadosamente organizado por ela, com Rosimeri Dias, sua grande parceira intelectual inventando livros e eventos.

Não serei eu a dizer que ela era quem mais conhecia as passagens de Foucault pelo Brasil, porque o lote de ciumentos(as) e invejosos(as) nas universidades, e em qualquer lugar, conformam e delimitam o empreendimento contemporâneo do verdadeiro e seu pegajoso “lugar de fala”. Não falta quem sabe mais do que eu e você, alguém mais especialista, mais e mais para acrescentar seu inesgotável altruísmo... Vivemos sob o signo da falta, falam até da falta inclusive de beatitude, e é assim que desejam nos ver, sob o regime da falta. Mas não o queremos, não sentimos falta, nem mesmo de um ou outrx porque tudo morre. Azar de quem não se deliciou.

Heliana gostava de atirar o lugar seguro, os territórios, as soberanias. Gostava de estudantes e não ia com a cara de alunos, esse contingente de aspirantes ao iluminismo, ao certificado e ao alpinismo acadêmico que coagula a universidade e se instala nos institutos, fundações, ongs, etc. e tal. Nós éramos daquelxs que pensavam ter o stalinismo acabado ou quase desaparecido. Mas como os nazistas e fascistas diminuem e aumentam num piscar de olhos, neste marasmo de planeta das condutas comedidas, das recomendações moderadas e de resilientes chatos e desinformados, os stalinistas ressurgiram pelas mãos e corpos ressentidos.

Wilhelm Reich, um marxista sério no socialismo estatal via Stalin como a mais estúpida versão do socialismo institucionalizado, irmão-gêmeo do nazismo, ou seria irmão siamês? Maldita fraternidade!

Heliana não apreciava os arrogantes normalizadores, fossem eles da maioria ou de minorias. Não queira melhorar nada. Não era filantropa, uma adepta do sustentável, mas do insustentável. Era das resistências. Era da estética da existência de amigxs.

“A maioria das pessoas não nos interessa, era o que eu pensava o tempo todo, quase todo mundo que encontramos não nos interessa, são pessoas que nada tem a oferecer a não ser a pobreza da massa, a burrice da massa, pessoas que nos entendiam sempre e por toda parte, e naturalmente não temos nenhuma simpatia por elas. Por si mesmas, fizeram-se sem sentido e desinteressantes para nós, pensei, aos milhares, às dezenas de milhares, aos milhões, se contemplamos a história” (BERNHARD, 2022: 139).

“Precisamos saber envelhecer, disse ele ainda, não há nada mais repulsivo que bajular a juventude, um velho que bajula a juventude é coisa que sempre me repugnou profundamente” (BERNHARD, 2021: 175).

Final. *“Ninguém diga que sou taradinho. No fundo de cada filho de família dorme um vampiro – não sinta gosto de sangue”* (TREVISAN, 2023: 74).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNHARD, Thomas. Derrubar árvores. Uma irritação. Tradução de Sérgio Telarolli. São Paulo: Todavia, 2022.

_____. Mestres antigos. Tradução de Sérgio Telarolli. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. No rastro dos cavalos do diabo: memória e história para uma reinvenção de percursos do grupalismo-institucionalismo no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

_____. Ensaios sobre Michel Foucault no Brasil: presença, efeitos, ressonâncias. 1.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

TREVISAN, Dalton. Antologia pessoal. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2023.

E todas as palavras ditas, redigidas em artigos, livros ou aulas de HELIANA CONDE, botafoguense nascida Heliana Conde de Barros Rodrigues...

Edson Passetti
Coordenador do Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados
em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Nu-Sol) e professor
livre-docente aposentado
e-mail: edson.passetti@uol.com.br